

EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI: O ENSINO POR COMPETÊNCIAS COMO SINÔNIMO DE SUCESSO?

Edilene Ferreira de Sena¹

Luís Távora Furtado Ribeiro²

RESUMO

O presente artigo aborda o papel das Competências Socioemocionais (CSE) no contexto educacional do século XXI, destacando sua importância como um ponto central de discussão curricular. A análise examina como as CSE são consideradas cruciais para preparar indivíduos versáteis e adaptáveis ao mercado de trabalho em constante evolução, refletindo as tendências financeiras atuais. No entanto, também exploramos a contradição entre a ênfase nas CSE como agentes de mudança no desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes e a influência das demandas do mercado na determinação dessas mudanças. Para tais análises, utilizamos uma metodologia qualitativa e levantamos questionamentos sobre a preparação para um mercado em constante mudança visando promover o desenvolvimento integral e a capacidade crítica dos indivíduos, ressaltando a importância de mitigar disparidades socioeconômicas no sistema educacional orientado pelo mercado.

Palavras- chave: Século XXI, Competências Socioemocionais, Sinônimo de sucesso.

INTRODUÇÃO

Diversos artigos e discursos iniciam com a marcação temporal *Século XXI* quando desejam situar suas temáticas no tempo hodierno, como uma chamada ao contemporâneo, a evolução e a discussão sobre os avanços atuais, sobretudo no âmbito da educação. Essa perspectiva de delimitação também ocorre no campo educacional com o termo Competências Socioemocionais (CSE), elas são o ponto central a ser discutido neste artigo, recorte da dissertação³ de mestrado em educação e ensino pela Universidade Estadual do Ceará apresentada no ano de 2022.

Considerado um impulsionador para o sucesso dos sujeitos, e conseqüentemente do capital que investe efetivamente, o ensino é constantemente debatido mediante documentos educacionais, organizações, instituições, pesquisas (inter)nacionais, entre outros. Isso porque a preparação de indivíduos versáteis e com habilidades de adaptação ao mercado de trabalho, consiste na principal demanda do atual ensino que segue as tendências financeiras.

O cotidiano dos habitantes globais atingiu um patamar acelerado de

¹ Mestra em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará, CE, edilene.sena@aluno.uece.br.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, CE, luistavora@uol.com.br.

³ O trabalho integral é intitulado como “*Diálogos Socioemocionais: O que mudou no currículo do Ensino Médio de Quixadá/CE?*” podendo ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.uece.br/maie/pesquisa/dissertacoes/dissertacoes-2022/>.

informações e demandas, bem como pressa para se adaptar às exigências da sociedade contemporânea. Tal realidade fez com que as redes de ensino passassem a lidar com a tentativa de assistir seu público alvo para serem os melhores profissionais que o mercado exige, preparados para o “sucesso” futuro no campo profissional.

Essa *nova identidade* de qualificação surge como um propulsor que almeja a manutenção da mão de obra para o mercado de trabalho através da escola, de modo que essa é obrigada a repensar suas metodologias de modo a ir ao encontro desse indivíduo.

Nesse contexto, o termo competências, especificamente socioemocionais, é o termo chave dessa marcação e uma aposta para transformação do atual sistema educacional e suas problemáticas. As competências socioemocionais são tidas como “[...] capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas.”(IAS, 2022, ON-LINE). Essas competências são subjetivas, mas também reagem a estímulos frente a estímulos, isto é, podem ser treinadas e modificadas.

Observa-se que o termo competência adquiriu integralmente um significado referente à “linguagem empresarial”. Para ela, é quando o sujeito possui qualificação, capacidade e habilidade para desempenhar trabalhos exigidos, relacionando essa estrutura com novas demandas aos sistemas de formação. A intenção em suprir as carências do mercado oferece subsídios para a produção de sujeitos com as competências desejadas na economia.

Posto isso, notamos que esse sistema apresenta uma contradição, pois há uma intenção de convencimento de que as CSE possibilitam mudanças no cotidiano e futuro dos estudantes que passam a agir com criticidade e desenvolvimento pessoal, emocional e profissional, porém, as mudanças são arquitetas pelo mercado de trabalho para agirem conforme seus princípios.

Essa contradição evidencia a problemática subjacente da educação com foco no mercado de trabalho: Como conciliar a necessidade de preparar os estudantes para um mundo profissional em constante evolução com o objetivo genuíno de promover o desenvolvimento integral e a capacidade crítica dos indivíduos? Estamos priorizando demais as demandas do mercado em detrimento do crescimento pessoal dos estudantes? Há um equilíbrio entre as exigências do mercado e a formação holística dos jovens?

Tais questionamentos motivam nosso trabalho, pois as disparidades

socioeconômicas podem ser ampliadas quando o sistema educacional se torna excessivamente orientado pelo mercado. Assim sendo, identificar essas disparidades e buscar maneiras de atenuá-las é fundamental para garantir que todos os estudantes tenham oportunidades de uma educação humanizadora.

METODOLOGIA

As competências socioemocionais possuem múltiplas determinantes (SILVA, 2018), por isso, se faz necessário pensar em sua totalidade. Isto é, além dos possíveis benefícios apresentados por seus idealizadores, até que ponto essa mudança curricular é positiva ao estudante, ou se não consistiria em mais uma manipulação das classes dominantes sob o currículo, apenas com o intuito de obter funcionários preparados para a atuação no mercado de trabalho.

Sendo formalmente conceituada há quase vinte anos, as competências socioemocionais ganharam visibilidade no cenário brasileiro desde 2011 através da parceria com o Instituto Ayrton Senna, que apresenta pesquisas, propostas e fomento para implementar essas competências no país, com as secretarias de educação estaduais e municipais. As CSE são uma resposta aos quatro pilares⁴ propostos à UNESCO (1996), mostrando a educação como a melhor escolha para o sucesso, situando-se no centro do desenvolvimento humano e comunitário. As CSE estão ligadas a inteligência emocional, onde os sujeitos possuem a capacidade de conhecer, identificar e lidar com seus sentimentos e dos indivíduos com quem se relacionam (GOLEMAN, 2001).

Tendo esses apontamentos como ponto de partida, esta pesquisa adotou o enfoque da abordagem qualitativa em educação, pois, se constitui em um “[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudos em seu contexto histórico e/ou segundo estruturação” (OLIVEIRA, 2010, p.37).

Essa escolha metodológica visa proporcionar uma perspectiva mais rica e holística, buscando capturar nuances e aspectos importantes do fenômeno em questão. A pesquisa qualitativa é uma abordagem fundamental na investigação científica que busca compreender profundamente as complexidades do comportamento humano, das relações sociais e dos fenômenos culturais.

⁴ Aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver.

Um dos principais objetivos da pesquisa qualitativa é explorar as perspectivas dos indivíduos e capturar a riqueza das experiências humanas, permitindo aos pesquisadores adentrar nos significados, motivações, crenças e valores que influenciam o comportamento humano. Essa abordagem é especialmente útil quando o objetivo é compreender fenômenos complexos, multifacetados e contextualizados em um determinado ambiente. Neste caso, nos auxilia a compreender os motivos, contextos e idealizadores das competências como principal “saída” para o ensino do país, sendo amplamente divulgadas como a mudança necessária, mas que apresenta contradições em sua idealização e execução.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a mudança de uma sociedade antes marcada pelo cenário industrial, e agora voltada para aspectos como o conhecimento, informação, inovação, tecnologia e comunicação, o interesse atribuído as competências do trabalho foram ampliadas. O desenvolvimento e desempenho de competências são influenciadas pelo mercado de trabalho, e com esse, movem uma rede humana, capital humano, adequada para atender suas demandas.

Contudo, a relação entre o termo competências e a educação é resultado de um cenário histórico que ocasionou da defesa e transformação de reformas educacionais já existentes (ABATTI, 2018). Segundo Shiroma, Moraes e Evangelista (2000), essas adaptações miram em objetivos de manter o sistema educacional sob o comando do Estado conservador e seus ideais privativos.

O termo *competência* foi incorporado à *qualificação*, que “esteve associado tanto ao processo quanto ao produto da formação profissional, quando visto pela ótica da preparação da força de trabalho” (RAMOS, 2002, p.34). Logo, um trabalhador que não fosse preparado “poderia vir a ser qualificado para desempenhar determinadas funções requeridas pelo posto de trabalho através de cursos de formação profissional.” (RAMOS, 2002, p. 34).

Ainda segundo a autora, “[...] qualificação se relacionou ao nível de saber acumulado expresso pelo conjunto de tarefas a serem executadas quando o trabalhador viesse a ocupar aquele posto” (RAMOS, 2002, p.34), o que assimilamos com as novas competências de trabalho, disseminadas como requisito para desempenhar determinadas funções no mundo corporativo.

Nesse modelo, os assalariados e pessoas contratadas por tempo indeterminado, são considerados microempresários e precisam ter em mente que são responsáveis “pela autoformação, pela automanutenção e pela automobilização de suas competências, as quais, de certa forma, ele vende à empresa”(ZARIFIAN, 2010, p. 123).

Há então a criação de um cenário hostil para o trabalhador que se enxerga em uma constante luta para manter seu emprego, por isso, age sob julgamento de sua produção e a qualquer momento, precisa provar seu valor e competências para a empresa que pode torná-lo desvalorizado em um curto período. Ainda consoante o autor, “[e]sse modelo tem como última expressão o desaparecimento ou abandono de todas as disposições do direito trabalhista. Ele tem sua própria lógica, mas volta, de novo, a embaralhar as cartas, quando se autointitula ‘gestão pelas competências’.” (ZARIFIAN, 2010, p. 124-125. Grifos nossos).

Com a qualificação profissional ligada a capacitação de trabalho, a relação direta com fundamentos teóricos para sua consolidação impulsionou a competitividade e individualidade tanto do campo do trabalho, quando no educacional (ABBATI, 2018), alterando as relações de trabalho que passaram a mostrar a necessidade de qualificação para ingressar no mercado, impulsionando esse intuito também na escola. Ainda conforme a pesquisadora,

[...] a utilização da qualificação em campo empresarial se dá como elemento essencial em relação a ascensões profissionais, e ao tentarmos replicar essa abordagem a educação, constata que as escolas se tornariam laboratórios que teriam o intuito de treinar e formar um número substancial de operários destinados a intensificar uma luta por salários sem antes considerar os excessos e avanços pertinentes ao processo. Com a transição do modelo produtivo, havia a necessidade de alteração das regras que norteavam a sociedade, inclusive seus meandros, para isso, tivemos a alteração dos eixos direcionais, que passaram a incorporar o uso das *competências* como ferramentas constituintes das bases orientadoras do país. (ABBATI, 2018, p.42).

Por terem base em fundamentos neoliberais, e com a mudança de cenário econômico, as competências do trabalho, que também se encontram refletidas na educação, representam uma resposta ao mercado que busca sujeitos específicos. Santos (2017, p. 222) reitera que as “[...] reformulações patrocinadas pelos organismos internacionais nos países da periferia capitalista” induzem ao pensamento de uma reorganização da educação nacional que se pautam conforme as agências multilaterais.

Nesse sentido, as competências também recebem a denominação de Pedagogia

da Competência e a escola passa da “lógica do conhecimento” para a “lógica da competência” (LAVAL, 2019, p. 79). Os espaços escolares ganham uma nova conotação que “combina a certificação concedida pelo sistema educacional à determinação mais estreita da formação da mão de obra pelas empresas que fazem uso delas.” (LAVAL, 2019, p. 79).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação aos apontamentos expostos, devemos nos ater ao olhar de Fadel, Bialink e Trillin (2015, p. 11) sobre a escola. Em sua visão, as instituições escolares “precisam preparar os estudantes para mudanças econômicas e sociais que ocorrem a uma velocidade nunca vista antes, para empregos que ainda não foram criados, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que nós nem sabemos se surgirão.”

Para esses problemas, apontam que a versatilidade curricular é essencial para sobreviver no atual contexto, porém, “um dos principais obstáculos da mudança dos objetivos, padrões e currículos da educação é a inércia histórica”, isso porque, na fala dos autores, “mesmo quando enxergamos a importância de variar as competências além dos conhecimentos básicos e das habilidades, é difícil inserir com eficiência novas disciplinas e habilidades em um sistema já estabelecido e cheio de conteúdo.” (FADEL; BIALINK; TRILLIN, 2015, p.44). Nesse pensamento, o currículo que não acompanha as transformações, atrasa não somente os estudantes, como também a sociedade e a economia.

Essa conjuntura impulsiona pesquisas a buscarem compreender como desenvolver estratégias para alcançar uma educação que atenda tais demandas, bem como as competências necessárias para tal finalidade. Nessa perspectiva, Reimers e Chung (2016), apresentam uma coletânea de trabalhos a partir do projeto de inovação na educação, desenvolvido pela Escola de Educação da Universidade de Harvard. No estudo, seis países (Chile, China, Índia, México, Cingapura e os Estados Unidos) mostram suas estruturas curriculares e estratégias para desenvolver as competências do século XXI na educação e também trazem a perspectiva de educação como um fenômeno que está em constante transformação, e com desafios de cobrir as lacunas para alcançarem modificações. Por isso, a necessidade

[...] de um embasamento teórico para a formulação de currículos, a maioria das conversas em torno da “educação do século XXI” até hoje não conseguiu estabelecer uma conexão entre as competências do século XXI propostas e quaisquer teorias psicológicas de como essas competências vêm a ser desenvolvidas, em especial em suas relações umas com as outras, como um processo de desenvolvimento unificado. (REIMERS; CHUNG, 2016, p. 16).

Percebe-se que essa ausência de conformidade entre as pesquisas, aponta também diferentes perspectivas de um cenário heterogêneo, com muitas discussões ainda em formação, por isso, problematizamos a velocidade em que chegaram as escolas, impostas sem estudos suficientes que comprovem sua melhora na educação. Os pesquisadores citam o relatório *Educação para a vida e para o trabalho: desenvolvendo conhecimentos e habilidade transferíveis no século XXI* (2012), como meio de organizar alguns espaços de informações padronizadas. O relatório, organizado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (NCR), condensa investigações na área de psicologia e ciências sociais, evidenciando as habilidades específicas que possuem a capacidade de influenciar sujeitos a longo e a curto prazo. O texto apresentado estabelece três domínios de competências do século XXI: cognitivas, intrapessoal e interpessoal. Eles representam as distintas faces do pensamento humano e constroem esforços prévios para identificar e organizar as dimensões do comportamento.

A categorização das competências cognitivas, intrapessoais e interpessoais representam as qualificações desejadas para lidar com o atual cenário profissional, por isso, o interesse em definir e identificar habilidades e competências por meio de um processo de mediação desenhado a partir inferências, correlacionados a padrões estabelecidos (HILTON; PELLEGRINO, 2012). Essas competências, ora vistas como habilidades por alguns autores, são tidas como o

[...] conhecimento que pode ser transferido ou aplicado em novas situações. Esse conhecimento transferível inclui tanto conhecimentos em domínio como também processual de como, por que, e quando aplicar esse conhecimento para responder perguntas e resolver problemas. As últimas dimensões do conhecimento transferível (como, por que e quando aplicar o conhecimento do conteúdo) são frequentemente chamadas de "habilidades". Nós nos referimos a essa mistura de conhecimento de conteúdo e habilidades relacionadas como "competências do século XXI". (HILTON; PELLEGRINO, 2012, p. 23, tradução nossa).

As competências tornaram-se uma chave importante para a compreensão do ensino do século XXI. Primeiro, por serem postas como sinônimo de sucesso, estando pautadas na adaptação do recente contexto educacional e, segundo, por fornecerem subsídios para a manutenção de capital humano destinado ao cenário econômico global.

As críticas tecidas a educação, apoiando-se nos preceitos de que ela não atende as demandas do mercado, não utiliza os meios tecnológicos a favor dos estudantes, desfavorece o crescimento necessário para o trabalho, não prepara os discentes e docentes para as transformações do mundo, faz parte desse cenário que busca cada vez mais moldar e transformar o ensino.

A descredibilização do atual ensino é a ferramenta fundamental para o crescimento desse pensamento que usa as problemáticas do cenário como degrau para o desenvolvimento de suas ideologias e reforço de confiabilidade. Isso nos leva a pensar também no motivo de as escolas continuarem cada dia mais sendo sucateadas, o aumento da instabilidade financeira docente, a desvalorização dos professores, os cortes frequentes da educação, falta de materiais didáticos, estrutura inadequada para o ensino e aprendizado, entre outras questões. Por que a ênfase em um treinamento socioemocional quando a solução para educação do país consiste em algo mais profundo, com raízes desiguais há muito tempo?

Observamos, então, a tentativa da manutenção do *status quo*, onde a dominação é aparentemente “natural”, desde aceitar sua árdua, desigual e corrupta realidade, até a crença desmedida que podemos alcançar o sucesso que sempre desejamos através do nosso exclusivo esforço. Vale ressaltar que nessa visão, o fracasso também é resultado de pouco empenho, mesmo com os altos níveis de desemprego, inflação, concorrência, tudo depende unicamente do sujeito, empresário de si.

Tendo isso em vista, o ideário de indivíduo do século XXI que supera a si, estando sempre em mudanças, enfocando na continuidade, acompanhando o mundo e suas transformações, precisa de uma educação diferente da atual. Essas novas atribuições destinadas ao campo educacional e a escola impõem também novas responsabilidades na criação de experiências consideradas úteis pelas instituições de ensino (LOPES; MACEDO, 2011), e estarem relacionadas as necessidades econômicas do momento.

A educação do século XXI amplia a concepção de aprendizagem e sugere ir além de conteúdos determinados formalmente pela escola e seus currículos. Para a nova concepção de educação espera-se, conforme o Instituto Ayrton Senna (2013, p. 04) “[...] a tríade acesso + conclusão escolar + aprendizagem integral”. Entretanto, também é preciso ressaltar que estar na escola e concluir os estudos não configuram na garantia de uma aprendizagem integral. Com as bases fundadas em criar indivíduos programados

para o trabalho e para se adequar ao capitalismo, a escola ainda possui um longo caminho até a formação dos estudantes em suas múltiplas dimensões. Isso também nos leva a pensar que essas reformas do ensino são, na verdade, uma “maquiagem” imposta pelo sistema de modo que os participantes, professores, alunos e comunidade escolar, não compreendam em sua totalidade o que de fato é almejado, e mesmo quando compreendem, não conseguem sair do mesmo.

Esse cenário, centrado em competências como um passo para o ensino integral, ganhou bastante espaço no cenário nacional e internacional, difundindo-se a partir de trabalhos divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE e pela UNESCO, mediante projetos que visavam estabelecer as “competências-chave” para a vida e o trabalho. O conhecido relatório Delors (1996), oferece algumas concepções para a educação, apontando problemáticas que podem ser superadas através da transformação da educação e destaca a necessidade de superar e ultrapassar algumas tensões para alcançar essa nova educação, são elas: natureza global e local, universal e singular, tradição e modernidade, soluções curtas e longo prazo, competições e equidade de oportunidades, desenvolvimento do conhecimento e assimilação humana, espiritual e material. Seria a partir dessas superações que a formação do “cidadão do mundo” conseguiria ser constituída.

Para o novo cidadão, os quatro pilares são considerados conhecimentos fundamentais para a sociedade, “[...] a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, [tanto] no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade” (DELORS, 1996, p. 90).

Como nos mostra Borges (2016), as influências externas de criação do relatório corroboram para a criação e implementação de novas políticas públicas, que apesar de aparentemente terem origem nos problemas nacionais, são, na verdade, oriundas de diretrizes internacionais. O autor ainda destaca que ao planejar mais o acúmulo e enfatizar a atividade intelectual do trabalhador, o sistema impulsiona a administração pública, instituindo também novas demandas. Por isso, a necessidade de apreender o contexto de produção, bem como as principais intencionalidades das políticas públicas.

Com a educação vinculada ao Estado, a necessidade de atender suas demandas alinhando a administração escolar a administração geral e pública, também ajusta a formação de sujeitos adequados ao modelo educacional. Interpreta-se, então, que a

formação educacional do século XXI está diretamente relacionada as organizações que a promovem, possuindo propósitos que visam atender aos interesses de determinados grupos. Freitas (2018) explica que essas organizações de propagação de ideias são bem estruturadas e articuladas, legitimando suas ideologias em políticas públicas.

Com isso, uma estratégia crucial para o processo de desenvolvimento da educação do século XXI é a ênfase nas competências que devem ser desenvolvidas ao longo da vida dos sujeitos. A construção não apenas de competências cognitivas, mas igualmente socioemocionais, onde se coloca em evidência a subjetividade, principalmente da classe trabalhadora que é majoritariamente a escola pública. Laval (2019) faz uma crítica a esse segmento, exatamente por entender que a aprendizagem ao longo da vida é conduzida por organizações econômicas que enfatizam a competição e a busca desenfreada pela produção. Destaca, ainda, que em seus objetivos, “o esforço para adquirir conhecimento é exigido por razões de interesse pessoal e eficiência produtiva” (LAVAL, 2019, p.13).

Partindo dessas ponderações, acreditamos que aceitar as imposições do sistema e de seus idealizadores sem problematizá-los seria ausentar os governos e apoiar o Estado com o viés neoliberal. Determinar não somente o cognitivo, mas também o emocional dos estudantes, fundamentado em preceitos econômicos, não seria moldá-los sem oferecer outras alternativas de vida? A educação libertadora, humanizadora e crítica recebe espaço nesse modelo de ensino? Seria esse padrão o sinônimo para o sucesso da nova geração?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas até este ponto do texto destacam a centralidade das competências no ensino do século XXI, delineando seu papel como fator determinante para o sucesso no contexto educacional atual. Essas competências são apresentadas como elementos cruciais para a adaptação às transformações recentes e para a manutenção de capital humano no cenário econômico globalizado. No entanto, essa ênfase nas competências socioemocionais também levanta questões sobre a real motivação por trás dessa abordagem e como ela pode ser influenciada pelas demandas do mercado.

A contradição entre a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes e as pressões do mercado de trabalho foi analisada, suscitando questionamentos sobre a

ausência do equilíbrio entre as exigências profissionais e a formação holística dos jovens. A discussão ressalta que a abordagem excessivamente orientada pelo mercado pode acentuar disparidades socioeconômicas, afetando negativamente a igualdade de oportunidades na educação.

A desvalorização do sistema educacional é percebida como uma estratégia fundamental para fortalecer essa perspectiva que propõe transformações profundas na educação. Dessa maneira, questiona-se por que as escolas enfrentam degradação crescente, instabilidade financeira para os docentes, falta de recursos e investimento, entre outras questões. A abordagem socioemocional é examinada em contraste com a necessidade de uma transformação mais substancial e equitativa na educação do país, indicando a complexidade das questões educacionais.

Dessa forma, o trabalho proporcionou uma análise crítica e contextualizada das Competências Socioemocionais no âmbito educacional, promovendo a conscientização sobre os desafios enfrentados pela educação contemporânea. O autor(a) incentivou a reflexão sobre a relação entre mercado de trabalho, formação integral e igualdade de oportunidades, abrindo caminho para futuras investigações e discussões sobre como a educação pode se adaptar de maneira mais eficaz às necessidades do século XXI.

REFERÊNCIAS

ABATTI, T.Z. **Estado da arte sobre competências socioemocionais e a articulação com políticas de avaliação (2012-2017)**. 2018. 162 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE). Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Paraná, 2018.

BORGES, F. A. F. Educação do indivíduo para o século XXI: O relatório Delors como representação da perspectiva UNESCO. **Revista LABOR**. v.1, nº16 p.12-30, 2016.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO: Publicação MEC, 1996. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_UNESCO_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf>. Acesso em 11 de set. de 2020.

FREITAS, L. C. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FADEL, C.; BIALINK, M.; TRILLIN, B. **Educação em Quatro Dimensões: As competências que os estudantes devem ter para atingir o sucesso**. Traduzido por

Instituto Península e Instituto Ayrton Senna. Boston. Center for Curriculum Redesign, 2015.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HILTON, M.; PELLEGRINO, J. (Org.). **Education for Life and work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century**. National Research Council. Washington: National Academies Press, 2012.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências socioemocionais**: material de discussão, 2013. Disponível em <https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estante-educador/COMPET%C3%80NCIAS-SOCIOEMOCIONAIS_MATERIAL-DE-DISCUSS%C3%83O_IAS_v2.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2020.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LOPES, A. C.; MACEDO, L. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, A.F. POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In: OLIVEIRA A. F. PIZZIO, A.; FRANÇA, G. (Org.). **Fronteiras da Educação: desigualdades, tecnologias e políticas**. Editora da PUC Goiás, 2010, págs. 93-99.

RAMOS, M. N. **Pedagogia das Competências**: autonomia ou adaptação? São Paulo: Cortez, 2002.

REIMERS, F. M; CHUNG, C.K(org.). **Ensinar e aprender no século XXI**: Metas, políticas educacionais e currículos de seis nações; tradução Cláudio Figueiredo. São Paulo: Edições SM, 2016.

SANTOS, D. **Educação e precarização profissionalizante**: crítica à integração da escola com o mercado. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SHIROMA, E. O.; MORAES, M. C. M.; EVANGELISTA, O. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, M. M. **A formação de competências socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".169 f. 2018.

ZAFIRAN, P. **O modelo da competência**: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. Tradução de Eric Roland e René Heneault. São Paulo: Editora Senac, 2010.